



Dália Dias*

DD

GEOGRAFIAS LITERÁRIAS ou um modo de usar a literatura

Pretendemos com esta reflexão recolocar o problema tão premente dos modos de conquistar os alunos para a leitura literária, para o gosto pelos universos da ficção, antiga ou contemporânea. Partimos da ideia de que o património literário se oferece a um trabalho multidisciplinar riquíssimo e, por isso, dirigimo-nos a todos os professores, das mais variadas disciplinas, propondo-lhes o projecto dos *roteiros literários*. Uma vez que a matéria de informação referencial necessária para uma abordagem profunda de qualquer ficção acaba por dizer respeito a todos os campos do saber, a leitura literária pode ser assumida, inquestionavelmente, como um eixo de estruturação de múltiplas aprendizagens e, portanto, deve resultar também de uma intervenção multidisciplinar.

Uma imagem que imediatamente nos assalta, quando pensamos na orientação que pode ser seguida para a leitura de inúmeros romances, é a de um grupo de viajantes, de livro na mão, boné na cabeça e mochila às costas, com um lápis afiado, conferindo se um lugar, uma rua ou uma porta são os mesmos que um qualquer protagonista da narrativa atravessou. Imaginamos o entusiasmo com que podem descobrir que, afinal, a casa era pequenina, o hotel outrora tão luxuoso será hoje um lugar mal-afamado... E a vida entra, de repente, pelas páginas do romance dentro, dando uma espécie de maior realidade à realidade da própria escrita, permitindo

passar da mais elementar apreensão do sítio à sua efectiva depuração visual, recriando contextos e outros tempos. Num outro sentido, podem também as imagens saltar, efectuando o movimento inverso, de dentro para fora do romance, acrescentando ao espaço, que hoje pode não ser imediatamente atractivo, o seu valor simbólico, apenas por ter sido o grande lugar de uma ficção que nos tenha marcado. Aí, a escrita dá-lhe uma realidade suplementar, fazendo ver de outro modo uma paisagem, uma casa ou *aquela janela...*

É claro que o romance que se filia na tradição romântica ou realista (seja o dito romance histórico ou o fresco de uma época, como é o caso de *Os Maias*) permite operar mais facilmente com estes conceitos, pois as referências são normalmente mais rigorosas, mais verificáveis ou testemunháveis. Mas o romance que seguiu a lição da desconstrução, no século XX, é igualmente passível de gerar um *viático*, um percurso artís-

“a leitura literária pode ser assumida, inquestionavelmente, como um eixo de estruturação de múltiplas aprendizagens e, portanto, deve resultar também de uma intervenção multidisciplinar.”

tico e literário definido a partir dele. Talvez as casas e os jardins no romance nosso contemporâneo sejam menos descritos nos seus pormenores. Talvez o desejo de representação fotográfica seja menor e, por isso, a paisagem menos reconhecível. Mas aquilo a que o Romantismo nos habituou a chamar o *espírito do lugar* lá está, nessa alma difusa do espaço. Sobretudo quando da cidade, da casa ou da janela se faz pretexto para a compreensão da personagem, do ponto de vista do narrador e, porque não, das suas relações com a fascinante ou banal vida do autor.

Por último, reconheçamos, os diversos caminhos do ensino da literatura podem também ser um bom pretexto para percorrer a geografia do nosso autoconhecimento... :

*Professora